



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**GIOVANNA VIDIGAL MANFRIM**

**PELA INCLUSÃO DAS DIFERENÇAS: UM ESTUDO SOBRE O  
RECONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO DE TERRITÓRIOS CULTURAIS  
AFRO-BRASILEIROS EMERGENTES E MARGINALIZADOS NO DISTRITO  
FEDERAL.**

**BRASÍLIA**

**2022**



**GIOVANNA VIDIGAL MANFRIM**

**PELA INCLUSÃO DAS DIFERENÇAS: UM ESTUDO SOBRE O  
RECONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO DE TERRITÓRIOS CULTURAIS  
AFRO-BRASILEIROS EMERGENTES E MARGINALIZADOS NO DISTRITO  
FEDERAL.**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: 103197-Sávio Tadeu Guimarães

**BRASÍLIA**

**2022**

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho principalmente aos meus avós, que da maneira deles, conviviam e celebravam as diferenças em suas fés distintas, mas complementares. Ao meu avô que me transmitiu a energia do axé mesmo sem saber da força de sua magnitude. À minha avó eterna, que me transmitiu o amor às palavras e como elas podem alçar voos inimagináveis. A minha amiga e irmã espiritual Júlia, que me abriu esse caminho da fé, o dia em que cruzamos os caminhos, minha vida tomou um novo rumo. E a Denise minha mãe de santo, minha gratidão é eterna.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu orientador Sávio, que acreditou em mim e nessa pesquisa desde o início, sem seu apoio não creio que teria conseguido. Às vezes precisamos de um único sim para um caminho inteiro se abrir.

A todos os pesquisadores, intelectuais e principalmente pessoas do axé que me inspiraram a construir esse trabalho, a ciência, o conhecimento e fé valem à pena, obrigada por existirem.

## EPÍGRAFE

Não mexe comigo  
Que eu não ando só  
Eu não ando só  
Eu não ando só

Não misturo, não me dobro  
A rainha do mar anda de mãos dadas comigo  
Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim  
É do ouro de Oxum que é feita a armadura que guarda meu corpo  
Garante meu sangue e minha garganta  
O veneno do mal não acha passagem  
E em meu coração, Maria acende sua luz  
E me aponta o caminho

Me sumo no vento, cavalgo no raio de lansã  
Giro o mundo, viro, reviro  
Tô no Recôncavo, tô em Fez  
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma  
Traço o Cruzeiro do Sul com a tocha da fogueira de João menino  
Rezo com as três Marias, vou além  
Me recolho no esplendor das nebulosas, descanso nos vales, montanhas  
Durmo na forja de Ogum, mergulho no calor da lava dos vulcões  
Corpo vivo de Xangô

Não ando no breu, nem ando na treva  
Não ando no breu, nem ando na treva  
É por onde eu vou que o santo me leva  
É por onde eu vou que o santo me leva  
-Letra da música de Maria Bethânia, Carta de Amor.



## RESUMO

Apartir de um estudo de conceitos diversos sobre território, cultura e religiosidade, a pesquisa aqui descrita busca relacionar estes termos à dinâmica presente na relação da territorialidade destes locais de culturalidade e religiosidade afro-brasileira, e de que maneira as mesmas se manifestam, quais são elementos chave dentro dessas expressões aqui reunidas, as localidades em que estão dispostas e que razões para tal. Por meio de uma fundamentação teórica distinta, correlacionando diferentes áreas de conhecimento, como geografia, antropologia, arquitetura e urbanismo, e outras, para que essa pesquisa consiga englobar o tema em toda a sua potencialidade múltipla e complexa. Buscando mapear então esses locais para gerar uma maior visibilidade, interesse, pelos mesmos e também gerar uma discussão sobre mais iniciativas de apoio aos centros e também sobre questões relacionadas à preservação e proteção desses espaços. Uma análise sob um viés geográfico e urbanístico, para o aprofundamento desse tema para uma então conexão com a natureza arquitetônica e patrimonial, que por muitas vezes pode ser pouco contemplada em relação a esses locais, e para reafirmar a necessidade de valorização das mesmas por sua importância como representantes de uma culturalidade milenar e que ainda sofre uma extrema discriminação até os dias atuais.

**Palavras-chave:** território cultural no Distrito Federal; cultura afro-brasileira no Distrito Federal; religiosidade afro-brasileira no Distrito Federal.

## **LISTAS DE FIGURAS, TABELAS, QUADROS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS E ABREVIACÕES**

- Figura 1: Mapa localizando Territórios Religiosos e Culturais de Matriz Africana no DF.
- Figura 2: Fogueira acesa em meio a um ritual no Terreiro de Umbanda.
- Figura 3: Ponto de Exu, firmado em um terreiro de Umbanda.
- Figura 4: Integrante carrega a oferenda acima da cabeça, atrás podemos observar a casa de Exu iluminada em vermelho.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3	MÉTODO	9
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)	11
6	REFERÊNCIAS	12

## **INTRODUÇÃO**

A partir de um estudo de conceitos territoriais e culturais e em que âmbito eles se permeiam e se complementam, a pesquisa aqui realizada, busca questionar e os levar tal tema para além do plano teórico, buscando, para isso, mapear localidades tradicionais ou emergentes em termos de potencial criativo e de um desenvolvimento cultural lúdico e coletivo. Sob um recorte temático mais específico, a pesquisa busca identificar e analisar as expressões culturais e religiosas brasileiras de matriz africana, que perfazem um dos segmentos de maior influência de nossa cultura, ainda que por tempos e mesmo atualmente desvalorizada ou marginalizada sob diversos aspectos.

Sob um escopo regional, a pesquisa é pautada no Distrito Federal como recorte espacial, buscando a valorização do local e conscientização de que a preservação e incentivo às suas expressões culturais se faz necessária para a melhor vivência em tal espacialidade. Sendo assim, entre as 33 Regiões Administrativas que atualmente perfazem as divisões territoriais internas ao DF, a pesquisa visa identificar neste território expressões culturais afro-brasileiras manifestas em quaisquer que sejam os locais internos a tal delimitação, centrais ou periféricos.

E sob a referência da temporalidade analisada, a pesquisa está pautada na contemporaneidade, vinculando os esforços de pesquisa sobre as expressões culturais afro-brasileiras manifestas no Distrito Federal na contemporaneidade, buscando, além de identificar as existentes e atuantes na atualidade, conhecer um pouco de seu histórico, cotidiano, entre potencialidades e carências vivenciadas por seus participantes.

Dessa maneira, a pesquisa aqui presente, visa identificar e analisar, como objeto de investigação, expressões culturais brasileiras de matriz africana manifestas no Distrito Federal na contemporaneidade se desdobra num mapeamento dessas expressões na localidade adotada para estudo pautando-se em referenciais bibliográficos sobre o espaço e representações simbólicas nele expressas, como cultura e religiosidade.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL:**

. analisar a temática dos territórios culturais afro-brasileiros focada espacialmente no Distrito Federal e temporalmente na contemporaneidade.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- . analisar o objeto a partir de referenciais teóricos brasileiros e internacionais;
- . identificar expressões do objeto a partir de referências locais, situadas no Distrito Federal; coletar dados específicos sobre o objeto no Distrito Federal por meio de entrevistas e experiências daquelas pessoas que vivenciam diretamente esses projetos;
- . mapear locais que se inserem na esfera de territórios culturais dentro do Distrito Federal; analisar o objeto de investigação no Distrito Federal a partir dos referenciais teóricos gerais e locais e empíricos coletados localmente.
- . registrar, por meio da pesquisa, os dados e as considerações obtidas sobre o objeto no Distrito Federal.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Partindo de definições de cidades, como a de Nestor Garcia Canclini (2008), a cidade vista a partir não somente de sua configuração física, ou como um <sup>3</sup>oposto ao campo, mas tenta caracterizá-la de maneira que leva em conta os processos culturais e a atmosfera imaginária daqueles que a habitam. Os aglomerados urbanos, segundo o antropólogo, constituem muito mais do que somente ocupações territoriais e interações materiais, mas a orientação e o trânsito dentro de seu sistema, se faz também por cartografias mentais e emocionais.

O que é uma cidade? Até meados do século XX o pensamento urbano respondia a essa pergunta segundo a configuração física: cidade é o oposto do campo, ou um tipo de agrupamento extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos. Nas últimas décadas, tenta-se caracterizar o urbano levando em conta também os processos culturais e os imaginários dos que o habitam. As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O

sentido e o sem sentido do urbano se formam, entretanto, quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema; pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas. Não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais. (CANCLINI, 2008, p. 15)

Demonstrando de forma quase que sentimental, Canclini acredita que a permeação dos meios urbanos há mais do que simplesmente endereços, cartografia, e localizações exatas, mas sim uma noção subjetiva e emotiva de seu meio. As cidades constituídas de um grande adensamento de indivíduos com suas próprias rotinas e maneirismos, o urbano também toma forma pelos fomentos culturais e imaginativos de cada um.

Há muito tempo os centros são objeto de ferozes batalhas; eles não querem desaparecer sem combate, eles existem. Parece-me, entretanto, que a evolução age profundamente contra o centro urbano. Ele não é mais adaptado à vida econômica, à vida das relações que dominam as populações urbanas. Então, o que ele se torna? Centro histórico, dizem muito bem os italianos. E se ele ainda brilha, é a beleza da morte. Caminha-se em direção ao centro museu (LE GOFF, 1998, p 150)

Muito também pode ser discutido sobre o status do centro das cidades. Centro esse que se torna em muitos momentos quase que obsoletos para certas movimentações, por muitas vezes culturais. Com o decorrer do tempo eles se tornam congelados em sua condição e permanecem como um grande museu ao céu aberto. Relação esse que podemos fazer ao nosso cenário de pesquisa, Brasília, como a grande cidade simbólica do modernismo, por muitos se vê como um desenho de segregação. Sua forte setorização e escala monumental de seu centro gera afastamento de seus indivíduos e ainda mais de bairros periféricos.

A concepção de vida pública de Jacobs não se encaixa facilmente nas concepções oficiais existentes de espaço público. A dela era sobretudo uma defesa da rua e da esquina de rua, e não da praça cívica ou do parque comemorativo <sup>2</sup> aliás, ela tinha uma nítida hostilidade ao espaço público formal. Mas, Jacobs é importante nesse contexto porque seu trabalho fez uma constante conexão entre as esferas de espaço público e de cultura pública. Para ela, os dois tinham aproximadamente a mesma importância: um espaço público bem-sucedido era também, num sentido básico, um espaço cultural. Como exemplo, considere-se o seguinte

relato altamente poético do Village como um balé' com seus artistas e performances únicos, seus giros iniciais, seus triunfos e tragédias' (WILLIAMS, 2008, p. 15)

Dentro dessa reflexão feita por Williams, partindo de pontos importantíssimos de uma das maiores figuras da história do urbanismo, Jane Jacobs, que fez interconexões essenciais para a relação de espaços públicos com espaços culturais. Para ela, uma atmosfera de cunho público bem-sucedida se tornava também um espaço cultural, por conta de seu potencial de movimentação vivo, como um espetáculo do dia-a-dia, com seus acontecimentos simultâneos, tendo assim a formação de quase um espetáculo dinâmico, como ela mesma bem descrevia.

Assim como o antropólogo, a urbanista Raquel Rolnik (1993), leva sua linha de pesquisa territorial também a um âmbito bastante subjetivo. Uma percepção de como os territórios se estabelecem para além do espaço geográfico, mas pelo permeio das relações sociais. Existindo uma relação direta e intrínseca do sujeito para com o território, por meio das conexões intangíveis e sentimentais. Para a historiadora o espaço real, o verdadeiro território, é aquele vivido pelos indivíduos, não aquele representado em mapas. Segundo a autora (1993, p. 28) Há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território. O espaço do mapa dos urbanistas é um espaço; o espaço real vivido é o território'

Falando sobre Daniela Sandler (2019), em seus estudos, é explorado ainda mais o termo proposto por Rolnik (1993) de 'dimensão territorial da cultura' aplicando-o à um cenário atual, em especial às periferias da cidade. O que também pretende se atingir a partir dessa pesquisa, com a utilização dessa ótica, aplicada ao local de estudo em questão, nesse caso, o Distrito Federal.

A historiadora também argumenta sobre o valor central da cultura, como elemento integral ao urbanismo, sendo uma atuante determinante na compreensão crítica de processos de urbanização, assim como na real prática dos mesmos. É citada uma proposta de ampliação dos preceitos epistemológicos urbanísticos, de maneira que sua expansão inclua práticas e saberes de grupos diversos, que não são necessariamente reconhecidos por instituições tradicionais.

A dimensão territorial da cultura é diferente. Não é uma interface onde cultura e território

se encontram como entidades separadas e <sup>3</sup>conversam´ Trata-se de uma dimensão (temporal, espacial, conceitual) onde a cultura adquire propriedades espaciais e vice-versa. A cultura deixa de ser um fator externo que pode afetar o urbanismo, e passa a ser uma força integral à formação do espaço urbano. A cultura torna-se constitutiva do, e constituída pelo, território; os dois são, portanto, inseparáveis. Esta discussão talvez soe um pouco abstrata (o que é apropriado, já que as ramificações teóricas do tema são importantes), mas meu argumento é derivado de achados empíricos. (SANDLER, 2019)

No artigo, Daniela conceitua mais sobre os termos separadamente e seus devidos espaços cruzantes, seria então uma esfera tridimensional, se formando por meio de âmbitos subjetivos do temporal, contexto histórico de seu inserimento; espacial, local tátil aonde o movimento acontece; e conceitual, dentro de toda a sua significância de representações e criação de toda uma narrativa construtiva de identidades, e assim a cultura tomaria essa forma de um espaço físico. E como o termo cultural não pode ser desvincilhado da territorialidade, desde o momento que ela é um dos constituintes da formação do mesmo, e também se forma a partir dele, nessa via de mão-dupla. Sua argumentação parte de um lugar empírico para que se sustente de maneira mais concreta a vinculação de termos e suas possíveis correlações e enfim desdobramentos. Baseando-se em sua pesquisa de campo na cidade de São Paulo, em periferias marginalizadas e na coleta de informações sobre esses projetos, mais do que transformadores dentro das vidas de indivíduos e grupos que se encontram fora de estruturas disciplinares convencionais.

A minha visão da dimensão territorial da cultura é baseada na minha pesquisa sobre urbanismos de base em São Paulo nas duas últimas décadas, onde tenho verificado o poder da cultura como formadora de espaços e consciências urbanas. Atos culturais produzem e transformam o uso, forma e significado do ambiente construído. Reconhecer este fato tem repercussões políticas e epistemológicas, pois implica reconhecer simultaneamente as contribuições de grupos e indivíduos tradicionalmente excluídos das definições profissionais e acadêmicas de <sup>3</sup>urbanismo´ (SANDLER, 2019)

Sua visão também parte do princípio da cultura como fermentação ativa e transformadora, não somente de espaços físicos e imaginativos, mas de consciências urbanas. Consciência essa que pode ser tratada de modo que engloba todos os sentidos humanos para essa

formação da relação direta com o meio urbano e seu local de desenvolvimento de todas as suas atividades. E então os atos culturais feitos pelo indivíduo irão moldar seu ambiente, trazendo essa criação de sentimentos e memórias afetivas sensoriais. E o quão importante se faz a significação de que temos laços com determinados ambientes, e que em sua grande maioria se fazem culturais, seja dentro de qualquer manifestação.

Esses grupos e indivíduos encontram-se fora de estruturas disciplinares convencionais, e trazem consigo métodos e temas aparentemente alheios às técnicas e parâmetros do planejamento e do desenho urbano, tais como: cultura, raça, gênero, identidade sexual, arte, literatura e performance, entre outros. Pretendo demonstrar que esses métodos e temas são na verdade essenciais para uma produção mais democrática e igualitária do espaço urbano contemporâneo. (SANDLER, 2019)

A autora também cita, a partir do reconhecimento desse fato, de que todo e qualquer transeunte nos meios geográficos possui todo o potencial de construção e formatação de espaços, e como isso se faz admitir que certas populações, que se encontram durante a maior parte do curso da história, excluídas de decisões sobre esses mesmos espaços, sem adentrar ao que se configura como meio tradicional, acadêmico do urbanismo.

Vemos inúmeros estudos sobre centros e suas problemáticas, e eles não são menos importantes ou contribuem menos para entendimentos de urbanidades e territorialidades, mas dar o devido destaque às periferias, é imprescindível, já que a mesma possui uma nuance diferente de atores e fatores constituintes de sua narrativa diária. Os bairros à margem possuem essa atmosfera maior de identidade própria em diversos momentos, criando esse imaginário coletivo social, por meio do enfrentamento de problemas comuns por sua população, e o fervor de culturalidades próprias e que se renovam a cada dia. Porém, que por muitas vezes se veem isolados de maiores incentivos e reconhecimentos.

Conectando novamente à Canclini (2008), ele desenvolve que nenhuma análise pode embarcar a totalidade dos processos urbanos e imaginários que ela engendra, por sua grande complexidade, mas sua análise e tentativa de compreensão se faz mais que necessária. Uma problemática apontada pelo mesmo, é que principalmente as megalópoles, podem proporcionar experiências de desconhecimento. Desconhecimento esse, de zonas geográficas que se pode apenas imaginar o que ali se sucede, acompanhado muitas vezes

de preconceitos e discriminações. Processo muitas vezes intensificado por políticas governamentais, e planejamentos urbanos higienistas. De maneira a tornar certas localidades, e conseqüentemente, todas suas manifestações, incluindo principalmente as cultuais, quase que invisíveis.

Essas comunidades marginalizadas, encontradas excluídas de toda e qualquer decisão de estruturas políticas tradicionais, e são eles os mais necessitados de uma infraestrutura digna que permeie todo seu convívio do dia-a-dia, principalmente em esferas culturais. Mas, de maneira alguma, carecem de uma movimentação efervescente cultural, ela se faz mais do que presente nesses locais, que buscam sempre seu desenvolvimento e apoio em forma de coletividade e cooperação. Além da presença de religiosidades, nesses locais que também se veem à margem muitas vezes, e vulneráveis a diversos tipos de violência em seus territórios, tópico que deve ser abordado, com o enfoque que principalmente religiões de matriz africana, cuja localização de sua grande maioria de terreiros e outros tipos de disposição, se dá nas mesmas localidades periféricas. Isso também será um dos pontos de análise da pesquisa.

O sagrado, como um dos atributos da espacialidade, se traduz através de práticas culturais eivadas de sentido religioso, de crenças, mitos e divindades. Práticas culturais e, portanto, sociais que marcam a existência dos homens e sua organização em sociedades em sua expressão espacial. Estamos falando de uma espacialidade do sagrado que está vinculada à geograficidade do homem ± melhor explicitando ± à sua hominalidade, que são as ações da natureza humana, ações que dialeticamente são constituintes do homem como produto da sociedade e a sociedade como produto do homem. Reconhecer esta dialética, de acordo com Berger (1985), nos permite compreender com fidelidade a sociedade em termos empíricos. (CORRÊA, 2008, p. 161)

Nesse trecho podemos perceber e conhecer mais profundamente então, a formulação e delimitação de signos e territorialidades das religiosidades de matriz africana. Que se vê presente e perpassando várias esferas e espaços físicos, além do terreiro, em rituais de festas, peregrinações nas ruas ou qualquer evocação de seu passado ancestral. Caracterizando seu território cultural variante e rico, que existe além de fisicalidades, mora também no imaginário coletivo, no potencial imaginativo da invocação da fé.

Buscando também nos embasar teoricamente sobre a especificação da territorialidade cultural e sua formação dentro de âmbitos religiosos, dando enfoque às matrizes de origem africana. Procurou compreender sobre o sagrado na doutrina como um dos atributos dessa criação de espacialidade própria. Que está ligada diretamente à interface e ações humanas, para assim termos um maior conhecimento sobre as origens de todo um espaço e sua construção.

Neste sentido, são signos/territorialidades, práticas culturais que a configuram hodiernamente como uma referência da cultura afro-brasileira, ao trazer consigo o atributo de serem, nos rituais de sua festa, pelas ruas da cidade, o evocar do passado atualizado no presente da sociedade iorubana e da ação estratégica de recomposição étnica, política, social e religiosa, efetuada na constituição do primeiro território-terreiro de Candomblé na cidade de Salvador, Bahia, onde encontraram os seus fundamentos éticos-religiosos, suas lendas e crenças, com os quais significaram itinerários, acidentes geográficos, prédios, praças, recantos e esquinas, sob a perspectiva do sagrado, articulada a sua vida do dia-a-dia em uma cidade baiana, construindo, assim, seu processo identitário e de pertencimento ao singular grupo religioso. (CORRÊA, 2008, p. 161)

Sob tais considerações, a imersão na temática cultural pretendida pela pesquisa, especificamente aquele vinculada à cultura, à arte e à religiosidade de matriz africana manifesta no Distrito Federal, será amparada por estudos de autores que perpassam tais temas, como os de Hall (1996), Geertz (1989), e os tantos estudos de ZenyRosendahl (2008) sobre este vínculo entre espaço e religiosidade no Brasil.

Para tais autores, a cidade, como um organismo vivo, formada pela necessidade social humana de auxílio mútuo e compartilhamento de experiências e possibilidades, perfaz uma esfera não somente espacial, mas socioespacial e, sob tal dimensão, a religião, como uma expressão cultural das mais ancestrais, em suas diversas matrizes, perfaz uma das necessidades básicas do humano e de necessária consideração ao se pensar o espaço das cidades e sua gente. O Brasil, amplamente reconhecido pela diversidade cultural que configura as características mais evidentes do país, tem também em sua diversidade de expressões artísticas e de culto religioso uma dessas características, ainda que, sabemos todos, muitas expressões culturais afins, artísticas e religiosas tenham sido historicamente

segregadas e até mesmo combatidas.

Sob tal contexto, se o samba demorou tempos até ser reconhecido nacional e internacionalmente como nossa maior expressão do campo inter-relacionado da música e dança, a religiosidade de matriz africana, por sua vez, se configura como uma das expressões religiosas parcelares da diversidade simbólica, cultural e religiosa do país, porém, das mais marginalizadas historicamente, sendo até mesmo proibida de culto em espaços públicos a até algumas décadas apenas como atesta nossa História e vários casos ocorridos por todo o país, como, por exemplo, o tão significativo caso dos objetos de religiosidade afro-brasileira que no ano de 2020 passaram a compor o acervo do Museu da República após serem retirados do antigo prédio do DOPS no Rio de Janeiro, hoje sede da Política Civil, para onde eram levados tais objetos de culto apreendidos quando (e mesmo após) o Código Penal Brasileiro legitimava a intolerância religiosa (CRUZ; DAL PIVA, 2020). Se considerarmos a legislação patrimonial brasileira, instituída em 1937 e a partir da qual se deram as sucessivas oficializações de bens culturais materiais e imateriais como patrimônio cultural brasileiro, o caso do primeiro bem cultural de origem afro oficializado como patrimônio cultural nacional (IPHAN, 2014), no ano de 1984, o histórico "Terreiro Casa Branca do Engenho Velho", situado em Salvador, também expressa esse tardio reconhecimento de tais expressões como parcelares de nossa cultura tão diversa e rica justamente por tal diversidade.

Já os estudos sobre o espaço, de Massey (2008) e Milton Santos (1987) que consideram o espaço como fruto e consequência da inter-relação entre a sociedade e seus lugares de expressão, assim como os estudos vinculados ao conceito de pertencimento e comunidade evidenciados por Bauman (2003) e os estudos vinculados à demanda por um direito à cidade como historicamente defendido por Lefebvre (2001), permitem maior aproximação das múltiplas dimensões do objeto de investigação estudado, em suas múltiplas dimensões que perpassam espaço-cultura (arte religiosidade), juntamente com a aproximação pretendida pela pesquisa no que se refere ao mapeamento do contexto local, de expressões de identidade da cultura afro-brasileira no Distrito Federal.

Sob o contexto do recorte espacial aqui pretendido, se a Praça dos Orixás se destaca como um espaço amplamente reconhecido e crescentemente valorizado por tal referencialidade,

também se evidenciam em importância, por exemplo, o CEANSG, Centro Espírita e Assistencialista Nossa Senhora da Glória, considerado o mais antigo terreiro de umbanda do DF em atividade (AUGUSTO, 2015), que explicita em seu nome as ações de sincretismo necessárias à sobrevivência de tantos outros centros de umbanda pelo Brasil, assim como grupos como o 'Se estrela e o fuá do terreiro' vem alcançando maior espaço de divulgação (VEIT, 2020), de sua história e de sua sonoridade própria, que mescla sonoridades da religiosidade de matriz africana a identificadores do imaginário popular e da cultura cerratense e brasiliense.

## **MÉTODO**

Quanto ao método da pesquisa aqui exposta, cabe ressaltar, inicialmente, a amplitude da natureza da abordagem: uma pesquisa de base quantitativa, baseada em dados estatísticos a partir do referencial bibliográfico obtidos por meio de recolhimento de dados de domínio público e também visitas aos locais. Já no teor qualitativo, nos apoiamos nos conhecimentos prévios sobre essas localidades, além de novos encontros para obter mais informações, e assim pudemos conhecer mais profundamente esses centros.

Teoricamente partindo de princípios de autores que desenvolvem pesquisas nessa área, como Hall (1996), Geertz (1989), Néstor García Canclini (2008), Massey (2008), Milton Santos (1987), Lefebvre (2001), Bauman (2003), Rolnik (1993), Sandler (2019) e Rosenthal (2008), o estudo irá se desenvolver, por meio desses autores, e de forma mais profunda, com uma visão latino-americana, que se faz importante devido nossas peculiaridades e similaridades culturais; refletindo sobre nossa realidade e seus impactos no presente.

Nos centros urbanos se dramatiza uma tensão chave: entre as totalizações do saber que as descrições das ciências sociais duras produzem e as destotalizações que geram o movimento incessante do real, as ações imprevistas, aqueles ocos ou fraturas que obrigam a desconfiar dos conhecimentos demasiadamente compactos oferecidos pelas pesquisas e estatísticas. Ao reconhecer essa tensão, os estudos urbanos atuais dão lugar por sua vez às explicações demográficas e socioeconômicas, como às representações culturais nas quais se manifestam a heterogeneidade e a complexidade do social.' (CANCLINI, 2008, p. 22)

Teoricamente partindo de princípios de autores que desenvolvem pesquisas nessa área,

como Hall (1996), Geertz (1989), Néstor García Canclini (2008), Massey (2008), Milton Santos (1987), Lefebvre (2001), Bauman (2003), Rolnik (1993), Sandler (2019) e Rosenthal (2008), o estudo irá se desenvolver, por meio desses autores, e de forma mais profunda, com uma visão latino-americana, que se faz importante devido nossas peculiaridades e similaridades culturais; refletindo sobre nossa realidade e seus impactos no presente.

Por considerar que todo o desenvolver e o pensar sobre territórios e urbanidades, se faz ambíguo em nosso contexto atual, com muitas referências e pensamentos distintos, buscando discorrer mais profundamente sobre esses conceitos, com o apoio em pensadores que os levam além do óbvio e do comum, como os supracitados Raquel Rolnik (1993) e Néstor García Canclini (2008), será possível efetuar a pesquisa e o reconhecimento de localidades que possuem essa efervescente potencialidade do encontro da culturalidade para com além do território e sua delimitação física, mas sua materialização de forma subjetiva, como uma criação de atmosfera própria no imaginário de um coletivo de pessoas.

Nesse processo de pesquisa, a partir de estudos de conceitos, como o de territórios culturais, de Raquel Rolnik (1993), busca-se a expansão dos mesmos, correlacionando-o com os estudos culturais profundos de Néstor García Canclini (2008), que desenvolve principalmente reflexões sobre a região latino-americana, seus desafios socioculturais em meio à globalização e seus inúmeros impactos. Então, partindo desses princípios, faz-se possível uma análise mais coesa e aprofundada da área de pesquisa. De forma que se tenha a linguagem, o vocabulário adequado para tal, e também se reconhece todo o contexto histórico e atual do local de estudo.

Sendo assim, após discorrer teoricamente sobre esses conceitos e definições de territórios e suas culturalidades. Com o objetivo de tornar palpável e real o estudo, será feito um mapeamento de locais que se inserem na esfera de território cultural dentro do Distrito Federal. De forma com que esses locais possam receber mais reconhecimento, já que sua localização geográfica não necessariamente os favorece, as localidades à margem, geralmente possuem uma realidade diversa dos centros, e se veem muito mais suscetíveis à vários tipos de violência física ou violência simbólica - como o CEANSG ou o grupo <sup>3</sup>Se estrelo e o fuá do terreiro<sup>4</sup> que desenvolve não apenas uma sonoridade completamente própria, mas cria todo um identificador cultural brasiliense e cerratense, em seu próprio

imaginário popular, que surge também de elementos de uma religiosidade de matriz africana, que pretendemos nos aprofundar, em história e características, nesta pesquisa aqui proposta.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Retomando os objetivos traçados, tínhamos inicialmente pretendido realizar visitas em campo e entrevistas presenciais, porém ainda com a pandemia presente e muitos casos recorrentes em novas ondas do vírus esse ano, decidimos realizar nossa coleta de dados por meio de dados e testemunhos disponíveis no domínio público e utilizar informações já previamente recolhida pelos autores.

Após uma análise teórica profunda, perpassando os conceitos mais diversos, em relação à territorialidade e religiosidade, e durante a outra etapa da pesquisa, procurar saber de que maneira estes locais que abraçam essas características afro-brasileiras, em que aqui demos o principal enfoque, estão conservadas, como estão sendo tratadas pela sociedade atual. E pudemos encontrar vários acontecimentos marcantes de alguns anos até a data de produção deste material, reflexos de um racismo sistêmico que gera uma discriminação em relação às religiosidades de matriz africana.

Um reflexo expressivo disso, são as violências direcionadas à Praças dos Orixás, localizada no Setor de Clubes Sul, que desde sua inauguração em 2000, já sofreu diversos ataques e depredações às estátuas ali presentes.

A última ocorrência registrada tem sua data em agosto de 2018, que teve como resultado a derrubada e queimada da estátua do Orixá Oxóssi. Há muitos anos é requisitado uma maior atenção ao local, assegurar a segurança das imagens ali retratadas e de seus visitantes. Para a vice-presidente da comissão de liberdade religiosa da Ordem dos Advogados do Brasil no Distrito Federal (OAB – DF), Patrícia Zapponi, em seu testemunho dado ao Correio Brasiliense na época do ocorrido, falta fiscalização por parte do poder público. “Não é de hoje que ocorrem depredações na Praça dos Orixás. O espaço é alvo recorrente de vândalos e não há nenhum zelo por parte do Estado para a manutenção e cuidado do espaço”.

Apesar do local ter sido declarado patrimônio imaterial do DF em 2018, por decisão unânime do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Distrito Federal, (Condepac), o mesmo não recebe o devido cuidado de um local tombado.

Também foi investigado as violências contra terreiros do Distrito Federal. No ano de 2015, houve um alto pico de ataques a esses espaços religiosos, somaram-se mais de 13 incêndios. Um dos mais violentos foi à um terreiro de Candomblé localizado em uma chácara no Núcleo Rural do Tamanduá, entre o Paranoá e o Lago Norte, oAxé OyáBagan, mas também conhecido por Casa da Mãe Baiana, que recebe em média 50 visitas diárias, naquele ano se viu completamente destruído pelo fogo.

“Chamei os meninos que estavam dormindo e a gente foi pegas água nas caixas d’água para apagar, mas aí o fogo invadiu. Esse Fogo foi de fora para dentro. É a intolerância religiosa, mais uma vez dentro de Brasília e nós precisamos tomar uma providência imediatamente, não podemos deixar mais”, foi o testemunho de Adna Santos, a “Mãe Baiana”, em uma entrevista concedida ao G1, na época do ocorrido. Mais um de muitos episódios presentes na história do Distrito Federal.

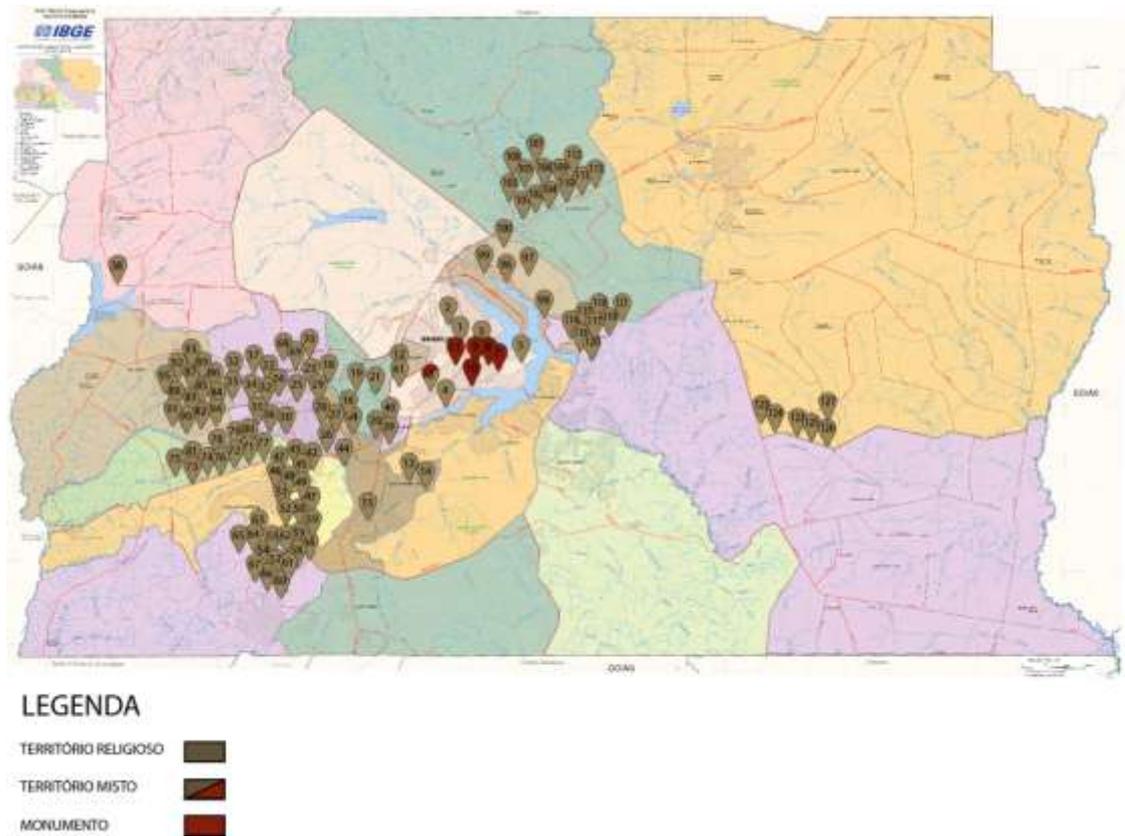
Após esse ocorrido citado, o Governo então regente, criou a primeira delegacia para investigar crimes de intolerância religiosa, o autor do projeto, o deputado distrital Lira, deu um parecer no dia do evento para o G1, “As vítimas terão um lugar acolhedor e eficaz para combater os crimes. Não faz sentido que em pleno o século XXI as pessoas ainda não respeitem a diversidade das religiões. A diversidade deve ser respeitada e amparada pelo Estado, que se tornou laico desde a primeira constituição republicana, em 1891.”

Apesar dos avanços, os casos seguem aumentando, em março de 2022, ocorreu outro ataque cruel. Um homem armado com machado e facão, invadiu o terreiro Ilê Axé OmòOrã Xaxará de Prata/Ofã de Prata, localizado em Planaltina, e destruiu várias imagens de Orixás presentes no local, batizado de Vale dos Orixás. A conselheira cultural Rita Andrade, amiga da yalorixá responsável do terreiro, Suely Gama, contou em um testemunho após o ocorrido ao site “Brasil de Fato”: “Foram dezenas de esculturas de concreto e ferro destruídas, o que mostra a fúria dessa pessoa. Mas esse caso deve ser tratado pelo que ele é, crime de racismo, crime de intolerância religiosa”. A delegada que julgou o caso também omitiu a seguinte fala: “Respeitar o sagrado do outro, é respeitar o sagrado de todos. Racismo religioso é crime inafiançável e imprescindível”.

E esse crime foi apenas mais um dos inúmeros crimes de intolerância religiosa no DF. Apenas no ano de 2021 o número chegou a 22 ocorrências denunciadas, número que cresceu em

comparação ao ano anterior. Mas também existe outro fator crítico quando falamos em denúncias destes casos, que é o medo da denúncia em si, e também do receio se a mesma surtirá algum efeito.

Figura 1: Mapa localizando Territórios Religiosos e Culturais de Matriz Africana no DF.



**LISTA POR REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO DF**

- BRASÍLIA**
1. Casa Lar de Nossa de Umbanda Ito Itina
  2. Centro Espírita Assistencial Nova Terrenos de Olinda - OSAMNI
  3. Centro Espírita Terreno de Olinda CETO
  4. Centro Espírita Via Saquarema de Inocência - COISA COMA
  5. Terreno de Umbanda Nereia Senhora dos Gozpes - FUNGA
  6. Sua Estátua em Roldão Terreno 1
  7. Palacete Madrinha de Rubem Valente - Casa de Deus, Depoente
  8. Palacete Madrinha "Templo de Deus" de Rubem Valente
  9. Casa de CARIBE - Casa de Deus, Depoente
  10. Praça dos Orixás
  11. Praça Zumbi dos Palmares - Praça do Corde
- CRUZVELO**
12. Ponte de Deus
- MICELIO GARDINIMYTE**
13. Centro de Umbanda Pai Francisco
  14. Centro Espírita Luz-Saúde, Mãe Palmares/Mãezão
  15. Terreno Espiritista São Jerônimo
- GUARÁ**
16. Centro Espírita Católica Santa Helena de Umbanda
  17. Templo Espírito Universal E Templo de Mãe - TEUTU
  18. Mãe Orixá Aná Oroggum
  19. Mãe Orixá Chelomina Azeiteiro - CCAB
  20. Centro Espírita Neocatólico Pai Bonifácio
  21. Centro Espírita Católica/Pai Bonifácio
- INSURURUCA**
22. Ilugale Branca Orixás Orixá Orixá
  23. Terreno Espírita Católica Povo São
  24. Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade
  25. Centro Espírita Santa Bárbara
  26. Centro Espírita Mãe Maria Nagô
  27. Ilugale Branca Orixás Orixá Orixá
  28. Centro Espírita São Francisco de Assis
  29. Centro Espírita Caboclo de Deus
  30. Centro Espírita de Umbanda Pai Jesus e Caridade (SOLIMITE)
- AGUAS CLARAS**
31. Mãe Luzim - Orixás
  32. Acção em Relação de Inocência
  33. Organização - Inocência, Cultivo, Educacional e Religiosa de Mãe Luzim e Mãe Luzim
  34. Associação Mãe Luzim Orixá Orixá
  35. Mãe Luzim Orixá Orixá
  36. Terreno Espírita Nossa Senhora dos Gozpes - Mãezão Terreno
  37. Casa Espiritista Cálice de Mãe Luzim Inocência
- SUCOETUOCOTIGUINIA**
41. Mãe Luzim Orixá Orixá
- RACHO FUNDEI**
42. Centro Espírita Católica Povo São
  43. Mãe Luzim Orixá Orixá
  44. Associação Terreno Espírita Voz do Cordeiro
  45. Centro Espírita Comunidade Católica Brasileira de Assis
- RACHO FUNDEI**
46. Centro Espírita Católica Povo São
  47. Centro Espírita Inocência de Mãe Luzim de Assis

- FRANCO**
48. Mãe Luzim
  49. Terreno Espírita Inocência Mãe Veneração e Mãe Anapina
  50. Casa das Três Marias Orixá Orixá
  51. Organização Inocência Mãe Luzim Mãe Luzim
  52. Centro Espírita Rongem Nôdo
- GUARÁ**
53. Centro de Tia Olegária de Luz de Deus
  54. Centro Espírita Católica Povo São
  55. Mãe Luzim Orixá Orixá
  56. Mãe Luzim Orixá Orixá
  57. Terreno de Umbanda Pai Rongem Orixá e Orixá
  58. Centro Espírita São Jorge
  59. Centro Espírita Social Cultural Pai Rongem de Assis
  60. Mãe Luzim Mãe Luzim Mãe Luzim Sociedade Beneficente Luz de Deus
  61. Casa de Mãe Luzim
  62. Terreno de Comunidade Orixá Orixá
  63. Ilugale Branca Luz de Deus Mãezão
  64. Mãe Luzim Orixá Orixá
  65. Terreno Espírita Assis Orixá
  66. Terreno Espírita Inocência Comunidade
  67. Mãezão Orixá
- INCENTO PIREI**
68. Centro Espírita Católica Santa Helena
  69. Terreno Espírita Orixá Luzim
  70. Casa de Deus e Orixá
- SACOMBANA**
71. Terreno Espírita Mãe Maria George
  72. Mãe Luzim Orixá Orixá
  73. Terreno Espírita Orixá Orixá
  74. Centro Espírita São Francisco de Assis
  75. Sociedade Beneficente Mãe Luzim - Sociedade Luz de Deus Mãe Luzim
  76. Centro Espírita Santa Bárbara
  77. Mãe Luzim Orixá Orixá
  78. Mãe Luzim Orixá Orixá
  79. Casa de Assis Mãezão Mãe Luzim
  80. Mãe Luzim Mãe Luzim
  81. Terreno Espírita Católica T. Mortimer
- GUARÁ**
82. Centro Espírita Rongem Inocência
  83. Centro Espírita Católica Luzim
  84. Terreno Espírita Mãe Luzim Orixá
  85. Centro Espírita Orixá Orixá
  86. Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo
  87. Casa de Comunidade Umbanda Mãezão
  88. Congregação Espírita Santa Inocência
  89. Centro Espírita Mãe Luzim
  90. Centro Espírita Comunidade Pai Joaquim de Assis
  91. Associação Luzim
  92. Centro Espírita Católica Assis
  93. Associação Umbanda Orixá Orixá Mãezão
  94. Terreno Espírita Pai Bonifácio dos Anjos
  95. Terreno Espírita Mãe Luzim
- LAGO INCIETE**
96. Centro de Umbanda Mãezão
  97. Centro Espírita Umbanda Mãezão
  98. Centro de Umbanda Orixá Orixá Orixá
  99. Mãe Luzim Mãe Luzim
  100. Centro Espírita Luzim Orixá

- GUARÁ**
101. Mãe Luzim Orixá
  102. Mãe Luzim Orixá Orixá
  103. Terreno Espírita Orixá Orixá
  104. Terreno Espírita Mãezão
  105. Terreno Espírita Mãezão Orixá Orixá
  106. Centro Espírita Católica Mãezão
  107. Mãe Luzim Orixá
  108. Mãe Luzim Orixá
  109. Centro Espírita Mãezão
- GUARÁ**
110. Mãe Luzim Orixá
  111. Mãe Luzim Orixá
  112. Mãe Luzim Orixá
  113. Associação Luzim Orixá Orixá
  114. Associação Luzim
  115. Mãe Luzim Orixá
- INCENTO PIREI**
116. Terreno Espírita Mãezão
  117. Terreno Espírita Mãezão Orixá Orixá
  118. Centro Espírita Católica Luzim
  119. Terreno Espírita Orixá
  120. Centro Espírita Católica Orixá Orixá
  121. Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo
- LAGO**
122. Centro Espírita Assis Luzim
  123. Centro Espírita Mãezão Orixá Orixá
  124. Mãe Luzim Orixá
  125. Centro Espírita Mãezão Orixá Orixá
  126. Centro Espírita Mãezão Orixá
  127. Centro Espírita Católica Mãezão Orixá Orixá

Outro âmbito contemplado pela pesquisa foi o mapeamento das localidades de culturalidade e/ou religiosidade afro-brasileira no escopo do Distrito Federal. A partir da produção de um mapa, também é possível desenvolver diversas reflexões, como seu número e de que maneira estão implantados, como isso reflete em sua relação com o meio e a sociedade ao seu redor.

Os poucos monumentos existentes que pudemos encontrar, cujos celebram a cultura e religião de matriz africana, são escassos e se encontram localizados apenas na região central do DF, o Plano Piloto. E em sua grande maioria já passaram por algum tipo de violação, refletindo como essa manifestação específica é tratada. E a partir de quesitos abrangentes foi feita a seleção destes locais, pensando nos simbolismos retratados e também nas celebrações que tomam forma ao redor das mesmas. Desta maneira foram salientadas principalmente a Praça dos Orixás, o maior monumento característico dessa vertente da região; a Praça Zumbi dos Palmares, representativa de um grande líder negro, que

impulsiona célebres expressões cultura e religiosidade afro-brasileira, em seu sítio. E as obras expostas do renomado artista Rubens Valentim, que trabalha fortemente com os simbolismos religiosos de matriz africana.

Já analisando as localidades dos centros e terreiros religiosos, a maioria massiva se encontra nas margens do centro de Brasília, até o fechamento desta pesquisa, foram computados apenas com cinco inseridos dentro dos limites do Plano Piloto, o que demonstra um número bastante significativo. Se isso reflete sobre o número de frequentadores que se encontram fora da centralidade ou o local escolhido se dá pela falta de acolhimento e incentivo para se assentarem nesses lugares, os dados recolhidos demonstram que sim.

De acordo com o senso e a pesquisa do GeoAfro, uma parceria do núcleo de Geografia da UnB, com a fundação zumbi dos palmares, não só a maioria se encontra em regiões afastadas do centro, mas o estudo também apontou tendências destes espaços a se mudarem para outras unidades da Federação. Se em um primeiro momento esses centros ainda se encontravam no Plano Piloto e se realocaram para Regiões Administrativas mais distantes, agora se mostram indo para mais longe, como as cidades do Entorno do DF e cidades goianas. Como um ponto de partida, um número base, os pesquisadores tinham uma média de 350, e ao final descobriram que a localidade passou a contar com 230 terreiros ativos no território brasiliense.

A partir de visitas locais, que já havia realizado previamente à pesquisa, por já ter uma certa proximidade à religião e à essa localidade específica, pude ter uma outra dimensão de sua organização e simbolismos. O terreiro em questão se localiza no Paranoá, próximo já ao Itapoã, se descreve como um Centro Espiritualista Umbandista, mais especificamente cigano, uma linha também expressa na religião da Umbanda. O local toma forma no quintal da mãe de santo regente, Mãe Denise, que trabalha espiritualmente nesse meio desde criança. A sua disposição se dá em pontos espalhados pelo terreno, caracterizando a firmeza das forças cultuadas ali, dispostas em pequenas casinhas de alvenaria, trazendo as cores características de cada entidade ali representada, cultuadas com imagens, adereços e símbolos, com cada oferenda também feita de acordo com o costume e tradição específica para tal.

Os elementos naturais constituem essa organização de forma protagonista, na grande maioria dos centros e terreiros religiosos existe ao menos algum espaço santo em um ponto mais natural, seja uma árvore ou um pequeno poço de água. A conexão com o espaço natural se configura sagrada, e desempenha diferentes papéis, de purificação, limpeza, reza e até pedidos, os orixás também tem suas forças e poderes relacionados aos quatro elementos. O simples ato de pisar com os pés descalços tem o seu valor; a terra, o ato de se aterrar e se conectar com a mesma; a água fazendo fluir e limpar as impurezas, os maus pensamentos; o vento, fazendo levar as más energias para longe e os pedidos feitos aos mensageiros; e o fogo, realizando também o papel de limpeza, de defumação, e a carga positiva energética.



Figura 2: Fogueira acessa em meio a um ritual no Terreiro de Umbanda.

Outro ponto importante são as cores, que possuem um papel fundamental na identificação e simbolismo de cada figura, cada orixá tem a sua própria, que traz inúmeros significados de atributos, traços daquela entidade. Também caracterizante dos mesmos estão os símbolos desenhados, como uma espécie de brasão, ou então dispostos de acordo com seu simbolismo representativo próprio. Estes símbolos são uma forma de linguagem e podem realizar uma forma de identificação para quem os conhece, se um centro ou ponto de encontro da religiosidade não está nomeado, ele pode se discernir pelo uso destes, e também reafirmar em qual linha da espiritualidade trabalham.

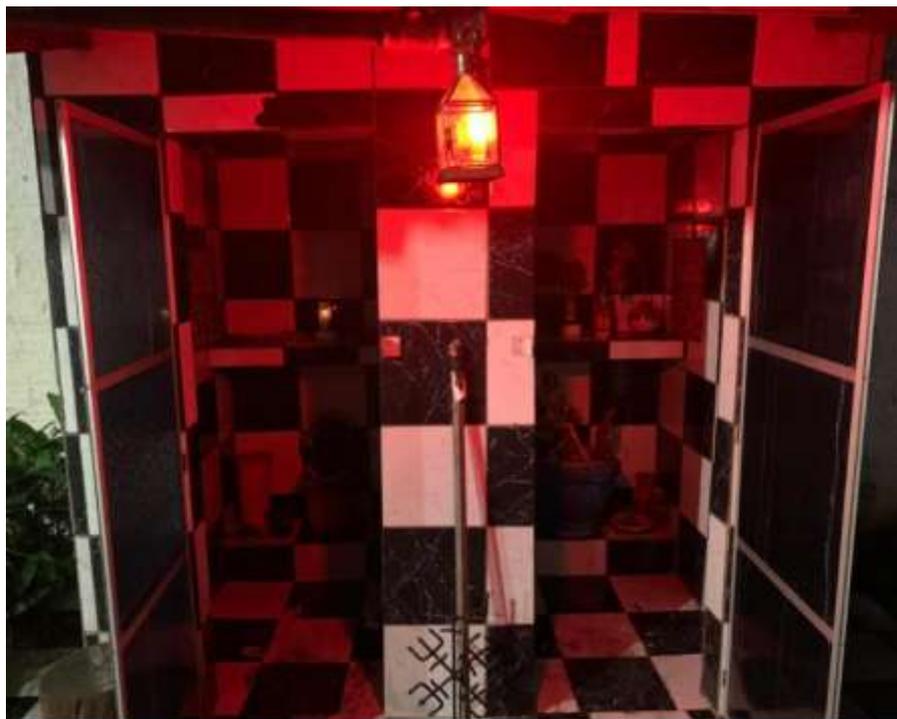


Figura 3: Ponto de Exu, firmado em um terreiro de Umbanda.

A subjetividade é algo muito forte e presente nessas religiosidades de matrizes africanas, também pelos seus séculos de proibição e discriminação, que perduram até hoje, elas encontraram essas maneiras de sobreviverem, muitas vezes na surdina, sem gerar tanto alarde, como pequenas sociedades secretas, realizando seus louvores e magias. Formaram linguagens para a comunicação entre si, para os irmãos de axé, como são chamados, pudessem se reconhecer de alguma maneira e somassem forças.



Figura 4: Integrante carrega a oferenda acima da cabeça, atrás podemos observar a casa de Exu iluminada em vermelho.

## **CONCLUSÃO**

As informações aqui angariadas, procuram trazer cada vez mais à pauta arquitetônica, urbanística e patrimonial a questão das culturalidades e religiosidades de matriz africana, cujos territórios por muitas vezes não conseguem nem seu reconhecimento, quem dirá receber iniciativas de incentivo e proteção, mesmo estando dentro ou tão próximas de um espaço tombado de valorização mundial, como Brasília. A pesquisa aqui demonstrou o forte descaso e a discriminação sofrida por esses povos, que não possuem uma ampla liberdade e segurança para manifestar sua fé, acabam se marginalizando em busca de alguma sensação de refúgio, ou até passam a ocupar locais fora da delimitação do Distrito Federal.

O registro feito dos espaços, de sua organização e aproximação do imaginário subjetivo, muito presente nas religiões, ao espaço físico e arquitetônico aqui realizado, busca não

somente levantar a questão da importância da inclusão destes territórios em debates políticos e sociais sobre preservação de patrimónios materiais e imateriais,mas também discutir sobre os conceitos de territórios e espaços, e qual seria um pré-requisito para a inscrição de um local no processo de patrimonialização e tombamento do mesmo.

Desta maneira reafirma-se então a necessidade de reconhecer, registrar, uma expressão de tamanha relevância tanto para aquela comunidade local, mas também como uma expressão artística e religiosa que merecem ser perpetuadas e incluídas em programas de patrimonialização.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Otávio. Mais antigo terreiro de umbanda do DF completa hoje 50 anos de trabalhos. *Correio Brasiliense*, 15 ago. 15. Disponível em: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/15/interna\\_cidades\\_df,494730/mais-antigo-terreiro-de-umbanda-do-df-completa-hoje-50-anos-de-trabalhos.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/15/interna_cidades_df,494730/mais-antigo-terreiro-de-umbanda-do-df-completa-hoje-50-anos-de-trabalhos.shtml). Acesso em: 20 abr. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CORRÊA, AM. Espacialidades do sagrado: a disputa pelo sentido do ato de festejar da boa morte e a semiografia do território encarnador da prática cultural. In: SERPA, A.. (Org.) *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 161- 179.

CRUZ, Cíntia; DAL PIVA, Juliana. Depois de 130 anos apreendidas, peças de religiões afro-brasileiras chegam ao Museu da República. *Época*, 21 set. 20. Disponível em: <https://epoca.globo.com/depois-de-130-anos-apreendidas-pecas-de-religioes-afro-brasileiras-chegam-ao-museu-da-republica-1-24652424>. Acesso em: 09 fev. 2021.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/ desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008, p.15.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: cidadania*, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/IPHAN, n. 24, p. 68-75, 1996.

IPHAN. *Terreiro Casa Branca do Engenho Velho - Salvador (BA)*. IPHAN, 2014.

Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1636#:~:text=Terreiro%20Casa%20Branca%20do%20Engenho,Etnogr%C3%A1fico%20e%20Paisag%C3%ADstico%2C%20em%201984>. Acesso em: 30 abr. 2021

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.150.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade? In: *Anais Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, v.2, n.1, 1993, p.28. Disponível em:

<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/324>. Acesso em: 6 abr. 2021

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

SANDLER, D. A cultura como urbanismo, ou a dimensão territorial da cultura. *arq.Urb*, (23), 95-116, 2019. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/41>. Acesso em: 7 mai. 2021.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

VEIT, Lisa. Grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro comemora 16 anos com livro e minidoc. *Correio Brasiliense*, 24 jun. 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/24/interna\\_diversao\\_arte,866306/grupo-seu-estrela-e-o-fua-do-terreiro-comemora-16-anos-com-livro-e-min.html](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/24/interna_diversao_arte,866306/grupo-seu-estrela-e-o-fua-do-terreiro-comemora-16-anos-com-livro-e-min.html). Acesso em 11 abr. 2021.

WILLIAMS, J. Richard. Espaço público e cultura pública: teoria, prática e problemas. In: COELHO, Teixeira (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008.

<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/08/4946124-estatua-de-ogum-e-depredada-na-praca-dos-orixas-na-prainha.html>. Acesso em 20 Jun. 2022.

<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/12/arcebispo-do-df-envia-carta-de-apoio-terreiro-de-candomble-incendiado.html>, Acesso em 22 Jun. 2022.

<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/01/df-cria-1-delegacia-para-investigar-crimes-de-intolerancia-religiosa.html>, Acesso em 23 Jun, 2022.

[brasildefato.com.br/2022/03/24/homem-invade-terreiro-e-destroi-imagens-de-orixas-no-distrito-federal](http://brasildefato.com.br/2022/03/24/homem-invade-terreiro-e-destroi-imagens-de-orixas-no-distrito-federal), Acesso em 24 Jun, 2022.

